

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 650	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	3120	20 DE JANEIRO DE 1897	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

ERRATA

Por engano na revisão do n.º 649. antecedente e primeiro d'este anno e volume, sahiu a numeração das paginas de 287 a 294 quando devia ser de 1 a 8. Fica assim emendado o engano seguindo a numeração das paginas d'este numero de 9 a 16 e assim por diante.



Pelos estancos, alinhadas, penduradas cada uma em seu prego, como cabeças em exposição de bandidos guilhotinados, estão as tristes caraças, d'olhos vãos, boccas abertas.

Triste destino!
E o caso é que ellas teem um ar tetrico na sua immobildade de espera resignada. Esperam uma alma que dê um sopro áquellas boccas, um bocadinho de luz áquelles olhos. Triste destino! O mais que podem ambicionar é a vida d'uma sensaboria.

Não tardará que as primeiras mascaras corram por essas ruas em direcção aos bailes publicos. Já tocam lá dentro as orquestras desafinadas, regidas por batutas somnolentas. É o delirio da sensaboria em campo!

O velho entrudo está decrepito. Tem a bocca

negra e fedorenta. O antigo Sileno de nariz vermelho, ventre proeminente, com o seu alegre riso de desdentado, coroadado de pampanos, atirando chufas de cima do burrinho manso, entre os côros das bacchantes, ornamental e suggestivo, falleceu ha muito e, como herança ás gerações, apenas deixou o burro que nem por isso é menos aclamado.

E ha até quem chame *espírito* á estupidez desde que ella, encaixando-se n'um dominó, deita os bracinhos de fóra.

O máo tempo mal humora a gente. Deixemos gosar quem gosa. Antes Calino que Prud'homme; mil vezes antes o chéché enlameado do que o decorativo conselheiro, critico, politico, dogmatico e insupportavel.

Ah! que se o entrudo durasse apenas dois me-

CHRONICA OCCIDENTAL

Temos a invernia pegada. Noroeste sempre. Uma ou outra espreitadella do sol, umas estrellitas a brilhar, e depois chuva e mais chuva.

— Isto é oiro que está cahindo, dizem os lavradores.

Mas, cá pela cidade, os dias correm sujos e tristes, e pelas ruas enlameadas, pelos passeios cheios de poças, á hora em que a cidade costuma animar-se com os que procuram os theatros e os cafés, raros passam, que vão apressados, saltitantes, de chapéus de chuva abertos, malhumorados.

Ha muito que uma d'essas lindas tardes de inverno, cheias de luz, tão vulgares outros annos em nosso clima, não vem animar essa Avenida das tres ás cinco com o que Lisboa possui de mais elegante e distincto.

A Avenida é deserta a essa hora quasi como ás duas da madrugada.

A sociedade elegante apenas se encontra, á noite, no theatro de S. Carlos, onde na passada quarta feira se deu o primeiro espectáculo de veras atrahente para os que ali vão mais por prazer artistico do que pela simples vaidade de apparecer onde os mais apparecem.

Cantou-se essa noite pela primeira vez o drama lyrico de Leoncavallo, *Os Palhaços*, uma das operas modernas mais justamente afamadas.

Muitos applausos no decorrer da representação á sr.ª Ferrani, que alia ás suas excellentes qualidades de cantora um formoso talento dramatico, ao tenor Rosati muito applaudido na romanza do 1.º acto, e, sobre todos ao barytono Beltrani, que em meio da mais entusiastica das ovações teve que recommear o prologo, que cantára no proscenio, antes do levantar do panno.

A primeira noite de enthusiamo em S. Carlos marca no kalendarío do *high-life* o principio das festas.

Temos o entrudo á porta. É o tempo dos bailes, das recepções, dos concertos, das recitas, o tempo dos felizes.

Aos portaes illuminados param as carruagens. Abre-se a portinhola. Como n'uma apparição luminosa a que puzesse uma aureola a luz intensa que vem do interior do palacio, ella passou fazendo rugir as suas sedas, embrulhada em pelles brancas, um véo branco de rendas sobre os cabellos. Passou, desapareceu. Cá fóra, na noite muito escura a chuva muito fria cai, o vento sibilla, e como fogos fatuos nas poças d'agua suja, brincam os reflexos dos candeeiros de gaz.



VISCONDE DE OUGUELLA — FALLECIDO EM 5 DO CORRENTE

(Copia de uma photographia)

zes...! Se fosse como uma valvula de segurança por onde em épocas certas do anno pudesse sahir em alta pressão um jacto da bestialidade humana, com aviso previo, como o apito d'uma locomotiva!

Mas se o entrudo é perenne! Se apenas se muda de caraça, n'esta mobilidade extraordinaria, a que a pratica n'uma sociedade hypocrita obrigou a phisionomia humana! Ha de tudo: caraças para bailes, baptisados, enterros, casamentos, extasis, pic-nics, cerimoniaes, empenhos. O homem lá por dentro é sempre o mesmo, geralmente tanto se se lhe dá como se lhe deu, o que muda é a caraça, que se pode estudar ao espelho, tal qual como uma senhora um chapéu.

Alguns levaram a sciencia da propria phisionomia a proporções maravilhosas. Teem caraças de lua cheia para as graças dos superiores e outras de dia de jejum para a entrega dos memoriaes; caraças de admiração em que os olhos saem das orbitas e caraças de sentimento em que o nariz se alonga.

Mas a grande mascarada, por continuada, já não dá vontade de rir e até o bom Democrito, que

ria
Do que a nós nos causa dôr.

se tivesse de viver na palhaçada constante, havia de sentir dôres nas bochechas de tanto escancarar a bocca em forçados risos.

E' o tempo da alegria, dizem; pois não se diga que não somos alegres. Vamos percorrer esses theatros, esses bailes, esses concertos.

Sedas, setins, tulles fazem um ruge-ruge pelas escadas atapetadas, que conduzem aos grandes salões oiro e branco, pondo notas legres no vaivém das casacas pretas. Anda um pequenino aborrecimento pelo ar, misturado com as notas vivas d'uma valsa, um aroma de tilia ou de apopanax, que se evola das roupas, que tremula sobre o adejar dos leques, que aureola aquellas cabeceiras loiras onde vão bem as perolas, os fartos cabellos negros onde os brilhantes luzem como estrellas no céu da noite. As palmeiras de folhas recortadas, as grandes folhas verde-claro das bananeiras poem na estufa um fundo de frescura a todas as côres claras dos vestidos, d'onde bustos saem brancos, torneados, perfumados como flores animadas por um sopro de fada.

Eis as cadeiras dispostas para o concerto deante do pequenino estrado. Attenção. Punhamos um sorriso na mascara, bambolemos a cabeça a compasso. Schiu...! Vai começar...! E os olhares distrahem-se, fitam-se no tecto. Como em prazer beatifico os olhos serram-se hypocritamente para um suspiro. — Bravo! Bravo!.. Perfeito...! Delicioso...! — Cada qual trata de reanimar-se. Os homens ao fundo, atropellados ás portas, encostados ás paredes espreitam por entre os hombros muito brancos, e as cabeças levemente inclinadas das senhoras. Alguns conversam baixo, outros pé ante pé saem para a sala de fóra, voltam novamente, applaudem. Uma ou outra exclamação. Um que se acha entalado, incapaz de sahir, vendo que os numeros se seguem, que o concerto parece interminavel: — Apre! Isto ainda é peor que uma regata!

Um rodar de carruagens apressadas, em fila, pela madrugada, quando no oriente apparecem as primeiras linhas claras, um bater de portinholas, uma animação desusada na rua, e mais uma festa que terminou.

As madrugadas são geladas; os pobresinhos passam apertando as camisitas aos peitos. As carruagens rodam; mal se pode ver para dentro pelos vidros embaciados.

O inverno é triste para os pobresinhos. Bemditas sejam as festas de caridade contra que tanta gente se revolta. Porquê? Porque não são de caridade, dizem. Que importa? Se é tão de bem-dizer o seu fim...!

Mas é que muitos não lhes doe a miseria dos outros, nem pensam na fome, no frio, que tantos dizimam, que a tantos trazem blasphemias ás boccas estorcidas.

Consolam-os com o dictado: Dá Deus frio conforme a roupa.

Está certo.

Quanto menos roupa mais frio.

Bemditos sejam os que pensam em minorar desgraças alheias.

Lisboa, ainda ha bem pouco, soube mais uma vez provar a sua gratidão a um dos homens, que pela excellencia das suas virtudes, pela brancura extraordinaria do seu character, ainda mais que pelo altissimo espirito que lhe ergueu um throno entre os poetas, foi por uma população inteira d'um paiz aclamado em vida, sanctificado, canonicado depois de morto.

A romaria ao tumulo de João de Deus foi um acto commovente. Milhares de pessoas ali foram depôr as suas corôas, prestar as suas homenagens áquelle que, como Jesus, amava as criancinhas.

Alma feita de luz, sua luz ha de derramar sobre nossas cabeças, enquanto o sol tiver fogo e luz.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

VISCONDE DE OUGUELLA

Carlos Ramiro Coutinho primeiro visconde de Ouguella, foi tão conhecido pelo seu nome como pelo titulo com que a munificencia regia o distinguuiu em 1868 tendo-o já agraciado quatro annos antes com o de barão de Barcellinhos.

Ramiro Coutinho foi um nome que se popularizou tanto na vida forense, como quando, no desempenho da sua alta missão de advogado defendeu a causa de André Turnes, assassino do conselheiro Bayard, como no meio das associações onde foi um paladino da idéa, com todo o ardor de um espirito exaltado e crente.

Talvez muitos dos que melitaram ao lado d'elle n'essa cruzada associativa que se fez ha trinta annos, mal comprehendessem como o filho do commerciante do Chiado, Ricardo Sylles Coutinho, trocou o seu nome popular pelo nobiliarchico titulo de visconde. Mas não foi elle só, e se accitou o brazão da nobreza, nem por isso o seu coração deixou de ser o mesmo, nem a sua alma deixou de se exaltar fascinada pela idéa de defender a causa do povo.

Encontram-se estas contradicções no seu espirito, porque amando a democracia popular, fez-se nobre, porque sendo grão-mestre da maçonaria viveu e morreu como um crente, no seio da igreja catholica apostolica romana.

Os grandes espiritos tem ás vezes d'estas contradicções que não são mais que a exuberancia indisciplinada de idéas que se revolvem na mente, como as aguias voam no espaço em todas as direcções.

Espirito elevado e culto como poucos olhando d'alto para a sociedade a sua critica era superior, analysando os factos com mordacidade e finura não vulgar. Disponha para isso, além do seu grande talento, d'uma vasta erudição adquirida na leitura e no estudo.

Cedo principiou a sua vida litteraria, pois que aos 17 annos de idade já escrevia na *Illustração de Teixeira de Vasconcellos*, e manifestava n'esses scriptos, com todo o fogo da mocidade, as suas idéas democraticas.

Depois foi para a Universidade e ali, condiscipulo de Santos Silva, Casal Ribeiro, Barjona de Freitas e outros, distinguuiu-se tanto como elles, concluindo um curso brilhante. Não foi menos brilhante a sua carreira de advogado ao lado de Pinto Coelho.

As lettras, porém, mereceram-lhe sempre especial dedicacão, assim como o principio associativo tambem, em que lidou como os que mais lidaram para fundar associações de que o Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas foi prova.

Nas associações, como na imprensa, foi um campeão das idéas democraticas, escrevendo ao lado de Santos Silva, de Sousa Brandão, de Vieira da Silva, de Lopes de Mendonça, aquelle Lopes de Mendonça, cujo talento era tanto que deu em doido. A introducção que escreveu em 1852, ao livro de João Antonio dos Santos Silva *Revista Historico-Politica de Portugal* é uma affirmacão entusiastica das suas idéas socialistas. O seu ultimo livro, *O Proletariado Europeu*, não desmente as suas primeiras affirmacões, mas é obra mais estudada, resultado dos annos, entrando no periodo da philosophia da politica.

Figurou na politica portugueza com o brilho do seu talento e na tribuna parlamentar a sua figura distincta e sympathica atrahia as assembléas. Entrou na commissão da reforma da legislacão commercial e foi ajudante e substituto do procurador geral da fazenda, logar que deixou para se entregar aos negocios da sua casa, accrescidos com os bens que lhe vieram pelo seu casamento com a sr.^a baroneza de Barcellinhos, em 1866.

Acontecimentos politicos em que se envolveu levaram o á cadeia, em 1872, sendo accusado de conspirar contra as instituções. Não se produzi-

ram, porém, provas para o condemnar e o visconde de Ouguella foi posto em liberdade.

O desgosto que isto lhe causou fel-o retirar á vida particular, e depois escreveu a livro *Os Salões*, obra de superior merito litterario e de finissima critica. Aos livros já citados juntam-se *Questões Sociaes* e *Gil Vicente* estudo importante do poeta e da sua época.

O visconde de Ouguella deixa um rasto brilhante nas lettras portuguezas, e poderia deixal-o na politica, como tantos outros, que não lhe egualando o talento, tem feito boa carreira, porque menos lhe egualaram a intransigencia.

TRANCOSO — PORTA DE EL-REI

A villa de Trancoso é das mais antigas de Portugal e da Beira Baixa, onde fica situada, 56 kilometros a E. de Vizeu, 20 a O. de Pinhel, 45 a S. da Guarda e 20 de Celorico da Beira.

E' cabeça de concelho e de comarca e tem 665 fogos.

O seu primeiro foral é de D. Affonso Henriques, confirmado por D. Affonso II, em 1217. El Rei D. Manuel deu-lhe novo foral, em Santarém, com a data de 1 de julho de 1510.

Segundo diz o padre Carvalho na sua *Chorographia*, a villa de Trancoso foi fundada por Tarracon, rei da Ethiopia e do Egypto, pelos annos 3274 do mundo ou 730 antes de Christo.

Esta origem, porém, não nos parece a mais accetivel, porque Trancoso, corromptella de Trancoso, é palavra portugueza, derivada de tronco, e, além d'isso, Trancoso é appellido nobre do reino e de familia que veio e Galliza, no tempo de D. Fernando I.

A Lusitania foi theatro de continadas guerras e conquistas dos arabes e dos romanos; foram seculos de lucha em que ora dominavam uns ora dominavam outros.

No seculo VII os arabes estavam senhores da Lusitania, e Trancoso foi uma povoação florecente, reedificada pelos mouros.

D. Fernando o Grande, rei de Castella, resgato do poder dos mouros Trancoso, Cêa, Vizeu, Evora, Beja e outras povoações da Lusitania, que, nos annos de 1038, já se chamava Portugal, e mandou povoar de christãos.

Trancoso e outras povoações da Beira faziam então parte do novo reino de Portugal, que D. Affonso VI das Hespanhas deu em dote a sua filha D. Thereza, quando casou com o conde D. Henrique.

Voltaram, porém, os mouros a conquistar Trancoso, tomando a povoação depois de heroica resistencia dos seus habitantes, não conseguindo, porém, tomar a praça, porque D. Affonso Henriques e seu aio Egas Moniz vieram com gente em soccorro dos sitiados, e derrotaram completamente os mouros. D'esta derrota quizeram os vencidos tirar desforra, e, em 1155, atacaram novamente a villa, com um grande exercito, á frente do qual vinha Al Bucazan, rei de Badajoz.

Mas ainda d'esta vez não conseguio alcançar victoria, contra a heroica resistencia de Trancoso.

Não param aqui os fastos historicos da villa de Trancoso; paginas mais gloriosas ainda escreveu na sua historia quando D. João I de Castella invadiu Portugal e assolou este paiz com guerra durante dez annos.

Trancoso foi sitiada pelos inimigos, mas a diminuta guarnição militar que tinha, resistiu heroicamente ao cerco e desbaratou os hespanhoes, que fugiram deixando grandes despojos de guerra e ficando prisioneiros a maior parte.

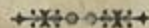
Commandou aquelles valentes o alcaide-mór Gonçalo Vasques Coutinho, João Fernandes Pacheco e Martin Vasques da Cunha alcaide-mór de Linhares.

Esta memoravel batalha deu-se a 2 kilometros de Trancoso e foi mais uma pagina gloriosa para a historia d'aquella villa.

A villa de Trancoso é cingida de muralhas, na circunferencia de 1 kilometro, com 15 torres e 4 portas denominadas: *Do Prado*, de *S. João*, de *Carvalho* e de *El-Rei*.

E' d'esta ultima que reproduzimos o desenho na gravura da pagina 13 copiada de uma photographia obsequiosamente offerecida pelo sr. Carlos de Sousa Pimentel.

Aquella porta só por si é um monumento tanto mais valioso pelas glorias que recorda das sempre vencedoras armas portuguezas.



ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO

(Continuado do n.º 649)

Os habitantes de Coimbra, que tinham gosado de perfeita tranquilidade durante o curto espaço de um mez e seis dias, que estivera n'esta cidade aquelle disciplinado corpo, iam passar por novas provações.

Succesivamente deixava de ser governador civil o honrado Lourenço José Moniz; ausentava-se de Coimbra o 10 de infantaria, sendo substituído pelo 7 de caçadores, de nefasta memoria n'esta terra; e chegava a esta cidade para cumulo dos desatinos, no dia 16 de março, vindo de Lisboa, nomeado governador civil, o proprio José Ricardo Pereira de Figueiredo, chefe dos clubistas de Coimbra, e um dos principaes incitadores dos anarchistas.

As consequências não se fizeram esperar. Os caceteiros, de combinação com a parte mais subordinada do batalhão de caçadores 7, praticavam toda a qualidade d' excessos. A força publica, que devia manter a ordem, era a primeira a provocar os cidadãos pacíficos.

O *Observador* não dava pela sua parte trégoas aos desordeiros, e como os excessos do 7 de caçadores ali eram atacados sem contemplação, dirigiu-se o tenente coronel commandante d'aquelle corpo, José Fernandes Costa, á imprensa do *Observador*, que se tinha mudado da rua do Guedes para a rua da Mathematica; e com toda a arrogancia, perguntou pelo redactor do jornal.

Os typographos disseram-lhe, que não estava ali o redactor principal, mas que o mandavam chamar, porque morava defronte. Chegou logo; e o commandante do 7 começou a ameaçal-o e a desafiá-lo.

O sr. dr. Agostinho de Moraes com toda a placidez lhe respondeu, que não accitava o desafio á espada; mas que não tinha duvida em entrar n'um desafio, em que cada um bebesse uma xícara de café, uma d'ellas envenenada e tirada á sorte; — que acreditava que a elle commandante desagradavam os factos praticados pelos seus subordinados; porém que a verdade era que elles se davam, e portanto que não recuaria em os esigmatizar.

O commandante do 7 foi por fim acalmando-se, e sahiu da typographia sem a occorrecia ter mais resultado.

Foram succedendo os acontecimentos, até ao dia de domingo, 23 d'abril, em que o simples facto de estar um estudante a cantar o *hymno do Minho*, deu causa a que os soldados do batalhão, divididos em troços, espalhando-se pela cidade, se arremessem aos ultimos attentados, chegando a desobedecer ao proprio commandante na rua da Sophia.

No dia seguinte, 24 d'abril, dirigiram grande numero d'estudantes ao governador civil uma representação que começava assim:

«Ex.^{ma} sr. Governador Civil. — Os abaixo assignados, estudantes da Universidade, em seu nome e de seus collegas, representam a v. ex.^a contra os indignos tratamentos de que foram victimas por parte dos srs. officiaes, officiaes inferiores, e soldados do batalhão de caçadores n.º 7, na tarde e noite de hontem, sem que da parte d'elles, ou d'algum outro academico, houvesse o mais pequeno motivo para assim serem maltratados.»

Tambem os habitantes da cidade, em numero de 428, assignaram no dia immediato, 25 d'abril, uma representação dirigida á Rainha, em que entre outras coisas se dizia o seguinte:

«Senhora! Na tarde e noite de domingo ultimo, Coimbra esteve para ser o theatro das occorrecias mais desagradaveis, promovidas pela exaltação de espirito, e falta de disciplina dos officiaes e soldados, pertencentes ao batalhão de caçadores 7. Os habitantes de Coimbra vivem em um continuo desassocego, porque receiam ser a todos os instantes victimas da anarchia promovida pela iudisciplina d'aquelles soldados, e porque pesa sobre elles a desgraça de os estar governando um magistrado, que se lembra de transformar um corpo d'exercito n'um bando d'incendiarios, distribuindo ao batalhão de caçadores 7 machados e agua ras! !»

A representação terminava pedindo a demissão do governador civil, e retirada de Coimbra do 7 de caçadores.

O governo devolveu a representação para Coimbra, mandando que as assignaturas fossem reconhecidas. Em consequencia d'isso, não só mais dos 400 signatarios foram reconhecer as suas assignaturas perante trez tabelliães, em uma casa

na rua Larga; mas ainda mais 188 individuos juntaram a sua assignatura ás anteriores.

Não poudo emfim o governo resistir a taes manifestações; e por isso foi José Ricardo demittido em 8 de maio de 1848, do lugar de governador civil; sendo substituído pelo sr. Manuel da Cunha Paredes, que actualmente é governador civil de Lisboa.

Ainda, porém, dias depois se fez sentir o estado da anarchia em que se achava a força publica, sendo gravemente espancados na noite de 22 de maio, os srs. José Guedes Coutinho Garrido, Augusto Cezar Cau da Costa, Alexandre de Moraes Pinto d'Almeida e um seu criado, quando sahiam da casa do sr. commendador Mathias de Carvalho e Vasconcellos, aos Oleiros. O sr. Garrido ficou tão gravemente ferido, que por muito tempo não houve esperança de poder escapar.

O sr. José Maria do Casal Ribeiro, e o sr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, um dos redactores do *Observador*, aos quaes os assassinos especialmente procuravam, e que tambem frequentavam aquella casa, tiveram a felicidade de não ser encontrados por elles.

Alguns dos caceteiros que tomaram parte n'aquelle acto de heroismo e valentia, eram officiaes inferiores do 7 de caçadores, disfarçados em paizanos.

No dia immediato, 23 de maio, sahiu de Coimbra José Ricardo Pereira de Figueiredo.»

Desde essa noite em que Rodrigues Cordeiro felizmente escapou a ser talvez assassinado, acompanhava o sempre o distincto engenheiro Hermenegildo Gomes da Palma, considerado cartista e respeitado pelo seu uniforme militar, que sempre usava.

A elle se confessa ainda hoje reconhecido o nosso illustre poeta o intemerato jornalista.

*
* *

Concluido o seu curso regressou a Leiria, onde, em 1851, o elegeram deputado. A camara foi dissolvida em 1852; tornando a ser eleito em 1857, Cordeiro fez parte do grupo chamado — dos *eclecticos*, e a sua voz era ouvida com o respeito devido aos seus talentos e á sua reconhecida probidade. Agourava-se lhe mesmo triumphos brilhantes na tribuna parlamentar; mas a camara era dissolvida por decreto de 25 de maio de 1858 e Cordeiro nunca mais solicitou nem aceitou o suffragio popular. Tomára por agouro as dissoluções.

No intervallo parlamentar, que para elle decorreu desde 1852 a 1856, o poeta reapareceu, mas já não era só o antigo trovador de aventuras, o dissipador de madrigaes, o sonhador de idyllios, o improvisador de glozas, o encanto de thermas e de praias, o entremeio de saraus, um prato de sobremeza-litteraria nos banquetes de românticos e principalmente de românticas, ingenuas, de olhares mysteriosos, que por gestos enviam ao namorado e recebem d'elle, fragmentos adequados á respectiva situação adoptações dos versos que lhes recita sinceramente o poeta, assim constituido innocentemente em secretario de amantes e em carteiro da sua correspondencia.

Cordeiro ainda era isto, que a poesia é condemnada perpetua, e, toda a gente que encontra o condemnado, exerce auctoridade sobre elle e pode empregal-o, sem soldada nem cerimonia, em seu serviço e dos seus convivas e amigos; Cordeiro ainda era trovador, ainda era namorado, ainda compunha e consagrava barcarolas ao seu Liz e serenatas aos seus amores, mas era mais do que mestre-escola, mestre de primeiras letras, professor pelo *Methdo portuguez de leitura repentina*, em aula nocturna, creada por elle, a expensas suas, em Leiria, onde vinha das Côrtes, todas as noites! 5 kilometros approximadamente de distancia e, então de pessimo caminho, ensinar os ignorantes. Durante dois annos manteve este favor aos seus conterraneos, esta homenagem ao seu mestre, — ao nosso mestre — Castilho, para quem a justiça da posteridade ainda não chegou. O sacerdote-maximo da poesia portugueza, o auctor da *Lenda da Senhora de Nazareth* e dos *Cantos do bardo*, o cinzelador esmeradissimo dos *Quadros historicos*, o traductor, esculpido como Bocage, de Vergilio e de Ovidio, o nacionalizador de Moliere, o Milton portuguez, ainda espera, e sem murmuros, o pagamento da divida sagrada de que é fiadora e principal pagadora a gloria nacional. Será paga e com larguissimos juros, ao mestre nobilissimo. A do grande A. Herculano já está em pagamento.

Não é só essa a divida que se deve. A politica liberal tambem conserva em aberto debitos sa-

cratissimos, debitos por onde era de justiça que principiassem os pagamentos. Saldam-se mais depressa as mais pequenas, pelo pejo de se pagarem mal as grandes obrigações. Ahi está Palmella, ahi está Saldanha a quem de modo nenhum se tem podido pagar; ahi está Fontes, a quem, segundo parece, vão pagar mal, collocando-o ao lado da Avenida, como a vêr quem passa; elle, que tem todo o direito a ser visto dos que passam! O monumento de Fontes póde collocar-se em logar especial; na Avenida, só entre o dos Restauradores e o do marquez de Pombal; de nenhum modo em logar inferior. Os monumentos dos grandes homens são as condecorações, nunca os pejamtos, das grandes praças, das grandes ruas, das cidades e das nações. Colocar Fontes no logar que lhe destinaram é uma exautoração, contra a qual é preciso protestar.

(Continúa)

Thomaz Ribeiro.

O AUTOMOBILISMO

A locomoção do futuro pertence ao automobilismo. Vehículos sem animaes. E este o desideratum da industria do transporte, no seu capitulo da viação ordinaria e accelerada.

Os varios concursos, que, entre os constructores de carruagens automoveis, se tem realizado em França e Inglaterra mostram que esta industria não cessa de progredir, e que cada dia novos inventos e applicações modificam os vehiculos produzidos, caminhando-se, pois, a passos gigantes para a realisação d'esse ideal dos transportes terrestres — o automobilismo.

As attentões de todo o mundo estão voltadas para as fabricas constructoras, para os seus progressos, e todas as modificações que apparecem são recebidas com enthusiasmo.

Em Portugal, mesmo, algumas carruagens automoveis tem sido importadas, e por curiosidade, mencionaremos que n'este momento se encontra na nossa alfandega geral, um vehiculo automovel adquirido por um cavalheiro de Coimbra, sobre cuja classificação se suscitaram duvidas, por omisão da pauta aduaneira, e não se saber se deverá pagar como velocipede, se, como vehiculo movido a vapor.

O recente concurso de carruagens automoveis — Paris-Marselha, veiu dar tal oportunidade a quaesquer referencias a esta industria, que o OCCIDENTE, como revista do estrangeiro, não pode deixar de informar os seus leitores dos progressos alcançados pelo automobilismo.

Se indicarmos rapidamente a historia d'esta nova industria, isto é, os seus fins e os seus meios, poderá facilmente o leitor seguir com interesse este rapido estudo.

Foi Cugnot o primeiro constructor, que, inspirando-se directamente no descobrimento de Papin, iniciou a locomoção automovel, estabelecendo, em 1769, a primeira carruagem a vapor, que ainda hoje se mostra no Conservatorio de Artes e Officios, de Paris.

Mas a Cugnot apenas resta a gloria de ter sido o primeiro, porquanto a carruagem de sua invenção teve uma vida ephemera.

Contribuíram para isso, a imperfeição do vehiculo, a insufficiencia da caldeira, e os perigos a que expunha os transeuntes.

Em Inglaterra, foi a idéa aproveitada por Griffiths, em 1821, mas sem successo, e a razão foi ainda a insufficiencia da caldeira.

De 1826 a 1830, alguns ensaios se fizeram, para logo serem postos de parte. Vieram depois Gurney e Hauckock, que chegaram a estabelecer varios serviços de diligencias a vapor, mas todas estas tentativas foram passageiras.

Durante os annos de 1832 e 1833, a carruagem de Church percorreu algumas vezes o trajecto de Londres a Birmingham; e a de Scott Russell, o de Glasgow a Paisley.

Alguns desastres que se deram em Glasgow, no anno de 1834, e as excessivas taxas fiscaes impostas sobre as carruagens automoveis, impediram o seu desenvolvimento na Inglaterra. Estas difficuldades eram para favorecer a extensão dos caminhos de ferro, que então se achavam no seu comeco.

Todavia, uma commissão parlamentar ingleza nomeada para estudar o assumpto mostrou-se favorável á viação automovel, mas não logrou obter a modificação do *Locomotive Act* que, até 15 de agosto ultimo, regulou os automoveis em Inglaterra, paralyndo o seu desenvolvimento.

Protegendo os caminhos de ferro, tratou-se

O AUTOMOBILISMO

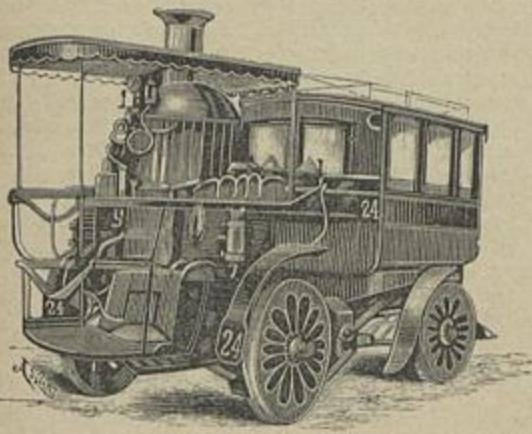


FIG. 1, OMNIBUS «LA NOUVELLE» DE BOLLÉE

primeiro do que era de mais necessidade; depois das grandes vias ferreas, vieram os caminhos de ferro de via estreita ou reduzida, de interesse local, seguiram-se então os tramways; e por ultimo, presentemente, os vehiculos automoveis.

Se passamos a França, vemos Pecqueur, que em 1828, inventa a engrenagem differencial, um dos órgãos essenciaes dos automoveis. Seguiu-se então uma serie de vehiculos, que outra cousa não eram

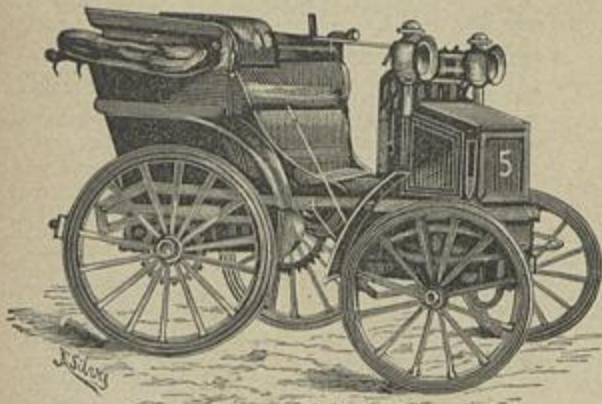


FIG. 2, CARRUAGEM PANHARD LEVASSOR COM O MOTOR DAIMLER

do que umas pezadas locomotivas, improprias para o serviço de viajantes

Emfim, em 1873, appareceu a primeira carruagem de Bollée, que, com successivos aperfeiçoamentos, creou diversos automoveis, sendo, em 1885, *La Nouvelle*, (figura 1), a primeira carruagem a vapor verdadeiramente pratica.

Bollée foi em breve seguido por Serpollet, Michaux, etc., constructores que ainda hoje estão na brecha.



FIG. 3, CARRUAGEM AUTOMOVEL DE 4 LOGARES, CONSTRUÇÃO DE PANHARD-LEVASSOR, VENCEDORA NAS CORRIDAS DE PARIS-BORDÉUS

Em qualquer vehiculo automovel ha dois elementos de construcção essencialmente distinctos: — a caldeira e o mecanismo.

Pecqueur, com a sua engrenagem differencial, e Bollée, com o seu ante-trem de dois eixos conjugados, fizeram no machinismo os dois descobrimentos capitaes, que tornaram facil a manobra d'estas carruagens. Os Serpollet, com o seu gerador de vaporisação instantanea, alcançaram a solução, quasi completa, do problema, com respeito á caldeira.

Em 1887, appareceu o petroleo e o motor Daimler, permitindo a Panhard e Levassor, e depois a Peugeot, construir as primeiras carruagens ligeiras, que alcançaram um resultado tão surpreendente.

Tres fontes de energia disputam agora o primeiro lugar para pôrem em acção os automoveis: são elles, o vapor, o petroleo e a electricidade. O primeiro foi suggerido pela locomotiva, mas como o motor tem que ser o mais leve possivel, pequeno e pouco complicado, de modo a manobrar-o facilmente qualquer pessoa, o petroleo alcançou, desde a sua appareição, um decidido favor, que parece confirmar-se dia a dia. Resta a electricidade, que certamente ainda não disse a sua ultima palavra, mas cuja applicação parece reservada para casos particulares, enquanto não for inventado um accumulador pequeno, mas de grande potencia.

Cada uma d'estas fontes de energia tem os seus limites, que são os seguintes:

O vapor, exigindo um aquecimento e um pessoal especial, é proprio para grandes forças de tracção. O petroleo torna-se muito util para o viajante que não quer um mecanismo complicado nem uma caldeira pesada e incommoda. A carruagem a petroleo requer apenas uma pequena quantidade de agua para refrescar os cylindros; o petroleo ou gasolina occupa pouco espaço, e, ao contrario do vapor, alguns curtos instantes bastam para pôr a machina em movimento. Todavia, o petroleo imprime em regra, aos vehiculos, nas curtas paragens, uma trepidação bastante desagradavel.

Mas attendendo a que a electricidade, por mais assejada, mais obediente e menos incommodativa, nos offerece uma solução verdadeiramente pratica, pode dizer-se que o motor a petroleo tem agora uma importancia apenas de momento.

Passemos em seguida revista, alguns dos tipos mais conhecidos de carruagens automoveis.

Os constructores Panhard e Levassor adaptam o motor Daimler, de que já fallámos, a todas as especies de vehiculos, tres como: *phaeton, omnibus, cab, vis a vis*, etc. Este motor collocado na frente do vehiculo, é formado por dois cylindros cujos eixos estão n'um mesmo plano

Nesta carruagem (estampa 2) o eixo de traz é fixo; cada roda motriz tem uma corôa dentada que engrena n'uma cadeia movida por uma rodinha de uma haste intermediaria produzindo o movimento differencial a que alludimos.

O carbonador, isto é, o aparelho destinado a carregar o ar de vapores de essencia de petroleo, compõe-se de duas camaras justapostas: a primeira recebe a essencia cujo nivel é constante; a segunda é uma camara de ar que communica com o motor. Estas duas camaras são postas em communicação por um tubo metallico que se abre ao de cima do nivel da essencia, na segunda. O movimento de vae vem do pistão estabelece uma depressão na camara de ar, simultaneamente passa pela ajustagem um jacto de petroleo que é arrastado com o ar aspirado, o qual se carbura nas regiões aquecidas pela vizinhança do cylindro antes de ali penetrar.

Os cylindros são arrefecidos pela circulação de agua: um reservatorio de trinta e cinco litros está disposto para este effeito; uma bomba centrifuga envia agua que sahe das camaras envolventes para se resfriar n'um condensador collocado no vehiculo, o que permite não ter que renovar a provisào antes de tres ou quatro horas.

A simples manobra dos freios descobre o motor antes da sua applicação, no caso em que o conductor não houvesse tomado a precaução de o fazer.

Estas carruagens de Panhard e Levassor são

muito elegantes, commodas e alcançam n'este momento um grande successo. Nas corridas de automoveis realisadas de Paris a Bordéus foi o modelo 6 (estampa 3) o que chegou primeiro

As carruagens Peugeot são completamente diferentes das anteriores: procedem do quadricylo seu aspecto geral. A sua construcção é com ferro ôco e os raios são de aço e esquinados. O motor empregado até aqui era o Daimler, que tem cylindro vertical.



FIG. 4, BREAK DE 6 LOGARES CONSTRUÇÃO DE PEUGEOT (PNEUMATICA)

O conductor do carro tem á sua disposição todos os órgãos de direcção: os dois freios, mudança de velocidade e regulamento do motor.

Nestas carruagens Peugeot, de que damos um exemplo (estampa 4) break de seis logares, a paragem é regulada de tal forma que se faz sem solavancos.

O motor está collocado na trazeira da carruagem, disposição, decerto mais esthetica, mas que tem o inconveniente de ficar exposto á poeira e de o privar do resfriamento produzido pela cor-

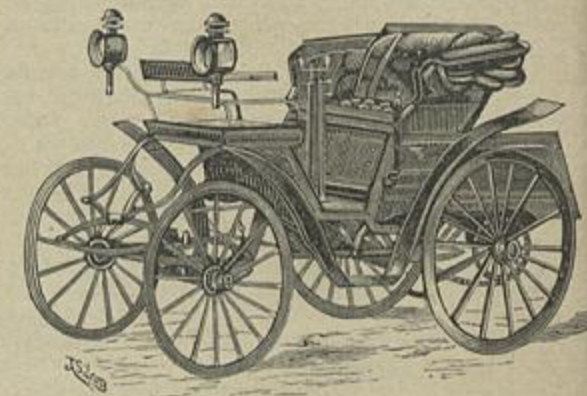


FIG. 5, CARRUAGEM ELECTRICA DE ROGER

rente de ar que sempre se desloca na frente do vehiculo.

Damos ainda logar a outra especie de carruagem automovel, na qual o constructor Roger, utilizou o motor Benz, de um unico cylindro horizontal com inflamação electrica da mistura carbonada.

A transmissão faz-se por correias em lugar de engrenagens, como nos dois tipos de automoveis precedentes, e com duas velocidades extremas.

A frente da carruagem está bastante desembaraçada; as rodas são de madeira com chapas de metal e arcos de caoutchouc.

Temos, pois, assim, ainda que muito summariamente, enunciado o que ha de fundamental no automobilismo, ennumerando as especies de carruagens e as applicações varias que se tem feito das tres energias motrizes indicadas.

O successo da industria do transporte deve ser ruidoso, e o ideal automovel não está longe de attingir.

BULHÃO PATO

O LIVRO DO MONTE

II

(Continuado do numero 647)

A's gerações que, em Portugal, vieram ao mundo em volta de 1830, foram lhes os fados propícios. Dando os primeiros passos na vida, ao envergarem a toga viril, tiveram a boa fortuna e a honra de serem recebidas, no atrio do templo, e apadrinhadas, pelos homens mais illustres e famosos d'este seculo, nas sciencias, nas letras, nas artes, na guerra, e na politica! Neophitos — tiveram para os levar á pia baptismal, para os ungir com os santos oleos da civilização, em vez dos humildes sacerdotes dos annos vulgares, os pontífices maximos, os grandes apóstolos, os grandes

almas, passados os enthusiasmos da mocidade, surgiam os insaciaveis desejos da ambição. Os serviços prestados nas antecamaras e nos salões da diplomacia traziam já divididos pelas rivalidades os validos da cõrte e os validos da victoria, que, em muitos casos, tinham sido allí os desvalidos, os desamparados da fortuna.

Para muitos, pois, a volta á patria não era só a realização das suas aspirações — a pratica da liberdade; não era só a satisfação do orgulho pessoal, até allí conculcado sob os pés do governo de D. Miguel, era tambem, e para alguns exclusivamente — quinhoar dos despojos, receber a paga dos serviços.

Os libellistas, os follicularios, os pamphletarios que, durante a emigração, em paizes estrangeiros, por vezes, chegaram a provocar processos escandalosos, não depozeram, ao entrarem em Portugal, os seus despojos, os seus odios e os seus rancores; encontraram, entre os correligionarios que

guerra peninsular e nas grandes negociações diplomaticas do congresso de Vienna, vieram defrontar-se com os representantes mais modernos das idéas liberaes.

A lucta travou-se e foi porfiada. Portugal transformou-se n'um campo de batalha, e a furia partidaria, exaltando as paixões, apoderou-se de todos os animos. A facção vencida na tribuna politica appellava para as armas, e a um cheque no parlamento respondia com uma revolta no exercito! Vencida retomava o caminho do exilio, perseguida por um governo liberal. O mesmo caminho, que annos antes trilhara, acossada pelos satellites do despotismo! E assim, alternando a fortuna, uns e outros, ora vencidos, ora vencedores, subiam e desciam a escada do poder. Foi esta a nossa vida, e, em resumo, a nossa historia politica e militar até 1851.

Chegados ao fim do seculo, nós, para esses homens, já somos a posteridade. A historia já lhes



TRANCOSO — PORTA DE EL-REI

(Copia de uma photographia do sr. Carlos de Sousa Pimentel)

luctadores, coroados de loiros, cingidos de púrpura, pela mão da victoria!

Esses foram os seus guias, esses foram os seus mestres, e esses foram os seus modelos. E não parou aqui a boa sombra que os acolheu. Nascidos com o seculo, estes homens estavam ainda na força da vida; alguns — astros de primeira grandeza no nosso firmamento intellectual — só depois attingiram o ponto da sua culminação. Os annos a uns não tinham esfriado a paixão da gloria, nem a outros os anceios e impetos da ambição. O exilio, as prisões, e os campos de batalha, foram a escola d'onde elles saíram, preparados para os affrontar de novo com animo firme, com rosto sereno, quando a occasião se apresentasse! E não tardou.

Na superficie da sociedade portugueza parecia ter serenado a tempestade, mas ouvia-se ainda rugir o mar no seu seio. 1834 marcava já na nossa historia uma data gloriosa, uma conquista definitiva, mas o templo de Jano não cerrara de vez as suas portas. As miserias do exilio tinham originado odios, medrados com as amarguras e com as saudades da patria; os annos decorridos haviam descoberto nas cabeças as primeiras cans, e nas

aqui tinham ficado, outros e semelhantes elementos de discordia; com quem se aggreiraram; organisaram-se facções; fundaram-se clubs e jornaes, e provocaram-se tumultos e revoltas.

A lucta dos dois grandes bandos em que se dividira a nação, e que acabara de findar, succedeu outra, mais longa, e por ventura mais desastrosa, porque se dava entre os membros da familia liberal!

* *

A vida nova em que entrara a sociedade portugueza abria e facultava aos homens de talento, e aos ambiciosos do poder, outros campos, novas arenas, onde elles se podiam digladiar — a imprensa, os jornaes, e a tribuna. Não faltaram os athletas — alguns dignos de estatua. Ahi os grandes oradores das cõrtes de 1820 tiveram quem lhes honrasse o nome, quem lhes continuasse as tradições nos grandes prelios da palavra; e ahi os corypheus do partido liberal, os chefes, que datavam os seus primeiros triumphos dos primeiros vinte e cinco annos d'este seculo; os que haviam illustrado o seu nome nos campos de batalha da

pode instaurar o processo — já pode lavar as sentenças — para alguns apothoses. Não o faremos agora, que o intuito é outro, e elles, apesar da grandeza do seu vulto, para o nosso proposito figuram aqui apenas como comparsas. Mas, sem offender a justiça, que se deve aos vivos e aos mortos, diremos que raros são d'entre elles os que não teem direito a figurar na galeria dos varões illustres da nossa terra!

* *

A natureza tem sido realmente generosa conosco, na repartição dos seus dons. Em tão limitada area, em tão pouco numerosa população, a não ser na Grecia antiga, não se encontra na historia povo algum que possa hombraear com Portugal nos ousados commettimentos, e imprevistas façanhas dos seus heroes, tantos elles são! De poetas notaveis que diremos, se não que se distinguem os que o não são, e entre os maximos quem é hoje o que, no poema épico moderno, se defronta com o Camões?! Historiadores, contamos os nossos no numero dos primeiros. Oradores abun-

dam os de primeira ordem, mas, que faltassem, bastam-nos Antonio Vieira entre os antigos, Passos Manoel, Garrett e José Estevão entre os modernos, de que não faremos lista, que bem o podiamos. Homens de guerra, d'entre muitos chefes subalternos distinctos emerge uma figura europeia, Saldanha, o marechal — homem de cabeça e de espada — bravo entre os bravos e illustre entre os mais illustres capitães do seu tempo. Estadistas reformadores Passos Manoel, Mousinho da Silveira e Antonio Bernardo da Costa Cabral — conde de Thomar, talvez a maior capacidade administrativa portugueza do presente seculo.

Na pleiada dos nossos escriptores sobresaem tres nomes — tres individualidades absolutamente inconfundiveis, pelo seu caracter pessoal, pela sua vida, e pelas suas obras — o visconde de Almeida Garrett, o visconde de Castilho, e Alexandre Herculano.

Ha entre nós uma tendencia — pela sua frequencia quasi um habito — é a de pretendermos levantar a um d'estes tres vultos alteroso monumento, dando-lhe por base as ruinas dos outros! Singular preocupação esta! Como se elles não podessem viver na historia, como conviveram na vida! Não se falla n'elles, não se pronunciam os nomes d'esta Trindade litteraria, que não surja a impertinente idéa — qual d'elles é maior? e o que ha aqui de feio e de mau é que por detraz da admiração por um se esconde a má vontade aos outros! .. E, uma vez que tocámos no ponto, não passaremos adiante, sem dizermos o que pensamos.

Grande historiador, profundamente erudito em questões historicas, economicas e sociaes, e maior romancista, foi Herculano; mais sabedor da lingua, supremo artista em a manejar, tanto em prosa, como no verso, mais mestre na arte de escrever, e portanto maior escriptor, no sentido litterario e classico da palavra — e para dizer tudo — um verdadeiro classico, foi Castilho; poetas, foram-o todos, porém faculdades geniaes, creadoras, nenhum d'estes as teve como Garrett, e por isso é o primeiro.

Foi, dos tres, o mais completo, e, pela universalidade e superioridade dos seus talentos, a sua figura ergue-se dominadora, no meio da sociedade portugueza. — É primaz em tudo — no jornalismo, na administração, na litteratura graciosa e ligeira do folhetim, no poema, no drama, e na tribuna. Primaz e unico. Que não lhe faltou o ser mundano, e até frívolo, para ser completa n'elle a humanidade!

Os seus restos mortaes não estão em S. Vicente — não era aparentado, nem de perto, nem de longe, com a casa de Bragança; não estão nos Jeronymos... Garrett não tem monumento. Passa sem elle, e passa bem. O seu monumento levantou-o elle com o seu genio. Não está aqui, não está além... está e estará em toda a parte onde se falle a lingua que elle fallou e escreveu — em Portugal, na Africa, na India e na America.

Chamaram-lhe os seus contemporaneos — o *divino*. Os deuses da arte teem, como os outros o dom da ubiquidade, e mais do que os outros, são immortaes na historia!

(Continúa)

Zacharias d'Acá.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

VII

Em todo o caso percebe-se que Fernão de Magalhães soubera pôr o bispo de seu lado, como já soubera conciliar as divergencias levantadas por Faleiro.

Mas ha ainda mais.

Carlos V não accedeu tão de prompto, como a muitos parecerá, depois da resposta que deu aos regedores da Casa de Contratação, ás propostas de Fernão de Magalhães, e antes levantou duvidas, desconfianças sobre a auctoridade em que o ousado portuguez firmava os seus planos.

Era de esperar.

Mas Fernão de Magalhães não se desconcertou. Soccorreu-se das observações feitas em suas viagens, do que havia estudado e

de quanto adquirira de Faleiro, por fim citou uma carta geographica, existente em Portugal, levantada por Martim de Bohemia em que marcava a communicacão entre o mar do norte e o do sul, e com tanta proficiencia discutiu os seus planos que conseguiu desvanecer todas as duvidas no espirito de Carlos V, que este acabou por lhe conceder quanto pedia, mandando lavar o contracto, o qual se celebrou a 22 de março de 1518.

Por este contracto foi dado a Fernão de Magalhães e a Faleiro o privilegio de, por espaço de dez annos, a nenhum outro navegador ser concedido ir a descobertas pelo mesmo caminho que elles. Sciam postos á sua disposicão cinco navios, armados de artilheria, e guarnecidos com 234 homens, com mantimentos para 2 annos e mais dava o commando dos ditos navios a Fernão de Magalhães e a Faleiro e a vigesima parte dos lucros que houvesse d'estes descobrimentos, conferindo-lhe o de adiantados e governadores das terras que descobrissem a elles e seus descendentes. Alem d'isto ainda Carlos V deu o titulo de capitães d'esta esquadilha a Magalhães e a Faleiro, com 50:000 maravedis de soldo pagos pela Casa da Contratação, com toda a auctoridade em terra e no mar, etc.

Não contente ainda com o que tinha concedido, Carlos V, pouco depois de celebrado aquelle contrato, ordenou que fosse augmentado o soldo dos dois capitães com mais 8:000 maravedis e 30:000 para ajuda de custo; mandando tambem que se abreviasse quanto possível o armamento dos cinco navios.

Fernão de Magalhães ia triumphando com a sua idéa, mas não tardou que novas difficuldades se levantassem, e d'esta vez era de Portugal que vinham.

Soube-se na cõrte de D. Manuel do que se estava passando em Hespanha com os dois portuguezes, e calculando-se quanto poderiam perigar as possessões portuguezas, na India se Fernão de Magalhães levasse por diante seu intento, necessario era combatel-o.

Era embaixador portuguez em Hespanha D. Alvaro da Costa, que ali fõra pedir a mão da infanta D. Leonor para el-rei D. Manuel. Sob este pretexto e quantos mais se pôdem imaginar, representou contra as concessões feitas por Carlos V a Fernão de Magalhães e com tal arte se houve que o monarcha das hespanhas se abalou, chegando a ponto de quasi revogar o que estava contratado.

Foi ainda o citado bispo de Burgos que demoveu todas as duvidas.

Fernão de Magalhães iria finalmente á descoberta.

(Continúa).

Cactano Alberto.

O NARIZ DO TABELIÃO

POR E. ABOUT

III

DE COMO O TABELIÃO DEFENDEU A PELLE COM MELHOR EXITO

Feliz como um homem, o tal cocheiro do nosso Ayvaz! Nos seus tempos, gaiato de Paris, se, a meu ver, fez tanta festa aos cincoenta francos da gorgêta, foi devido, em parte, ao gostinho de transportar á victoria o freguez.

— Arréda! disse para o bom do Ayvaz; isto sim, isto é que eu chamo ir ás ventas a um parceiro! — É bom saber-se. Deixa estar, que s'al-guma vez calhar a pisar-lhe os calos, a primeira coisa que eu faço é deitar-me logo de joelhos e pedir-lhe perdão?

— Sempre queria que me dissessem com'ê qu'o tal patusco, d'aqui em diante, ha de tomar a sua pitada! Ora venha alguem para cá com cantigas, que os senhores turcos são uns papa-assordas, verá a resposta que leva. Atão! nam lhe dizia eu que avezáva sorte? Pois olhe, meu principe, sei d'um vegête lá da cocheira do Brion qu'esse atão é o contrario. Péga a macaca ós freguezes! Su jeito qu'aquelle gajo léve á tal canhõla dos desafios... lá fica empandeirado. São favas contadas!... Hé, russa! má raios!... vê se te mexes — se dás ós quinhames por essa ladeira arriba — mal sábes que vaes átrepar p'la *calçada da Gloria!* — Vá, vá, sua tola! — Inté te podes gabar... olha que achataste os cavallos da mimoria lá da praça do Carrousel... Aquillo! comparados contigo, são mesmo dois burros de moleiro!

O desalmado cocheiro, com as piadas, não logrou desanuvar os tres turcos; e, se divertiu al-guem, foi a si mesmo.

No outro trem, muitissimo mais luido e com melhor parelha, lá ia o nosso tabellião, dizendo mal á sua vida, e mais os dois amigos.

— Acabou se, clamava; pode diz-se que sou homem morto; o remedio agora é dar um tiro nos miolos. Como hei de eu, d'ora ávante, entrar n'uma sala; apparecer na Opera ou em qualquer theatro? Como querem que patenteie, aos olhos do universo em peso, rosto tão grotesco e lamentavel; que me exponha ao perigo de provocar riso a uns, e de metter dó a outros.

— Ora! retorquiu o marquez, o mundo acostuma-se a tudo. E d'ahi; quem se arreceia dos olhos do mundo, fica em casa.

— Ficar em casa! Bonito futuro, não tenha duvida! Julga então que as mulheres hão de vir ter commigo a casa, n'este lindo estado em que estou?

— Case se! Sei d'um tenente de couraceiros que tinha ficado sem um braço, uma perna e um olhe. Não era o ai-jesus das mulheres, d'accordo, mas casou com uma boa rapariga, nem bonita nem feia, que lhe queria do fundo d'alma, e viveu feliz como os que o são.

Messer L'Ambert, provavelmente, achou que semelhante perspectiva não era lá das mais consoladoras, pois, em tom desesperado, exclamou: — Ah! mulheres! mulheres! mulheres!

— Valha-o Deus! replicou o marquez, como o senhor traz o seu catavento ainda virado para o feminino! Olhe que as mulheres não são tudo; n'este mundo ha muito en. que pensar. Tratar da salvacão, que diabo! Curar da alma, cultivar o espirito, prestar serviços ao proximo, cumprir cada um os deveres inherentes ao respectivo cargo. Para qualquer ser bom christão, bom cidadão e bom tabellião, não acho que indispensavel lhe seja o ter nariz em tamanha dóse.

— Tabellião! exclamou o infeliz com mal disfarçada amargura!

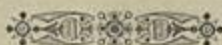
Effectivamente, é tudo quanto sou!

Hontem, era homem da melhor sociedade, um gentleman, e direi, mesmo, sem modestia affectada, um cavalheiro assaz apreciado entre a melhor companhia. Hoje, sou, quando muito, um simples tabellião.

E quem sabe se o serei ainda amanhã?

Básta a indiscrição d'um criado para que tão estúpido caso fique sendo de dominio publico; que qualquer jornal traga duas palavras a tal respeito e obriga logo o tribunal a perseguir o meu adversario, as testemunhas; e a perseguil-os aos senhores, tambem. Que impressão lhes faz a ideia de nos vermos a todos envolvidos n'um caso de policia correccional, tendo de contar no tribunal aonde e com que intento eu andava atraz da menina Victorina Tompain?

Supponham que passamos por semelhante escandalo, e digam-me se haverá tabellião que lhe resista.



— Menino, respondeu o marquez, assusta-se com perigos imaginarios. A's gentes da nossa egualha, que o senhor até certo ponto, é dos nossos, assiste-lhes o direito de pôrem, impunemente, as tripas ao sol uns aos outros. O ministerio publico, perante nossas contendas, fecha os olhos — e assim deve ser.

Compreendo que se mettam lá com esses taes jornalistas, artistas, e quejandos individuos de inferior condicção sempre que se atrevem a pôr mão n'uma espada; convem lembrar a esses sujeitos que têm pulsos para se esmoucarem a murro, arma mais que sufficiente para desforço de brios, em dose compativel com a fôrma do seu pé. Mas quando um fidalgo se porta como quem é, a justiça não acha que dizer, e, portanto, nada diz. Desde que larguei o serviço tive uns quinze ou vinte desafios, e alguns, assaz desastrosos para meus adversarios: já d'alguma vez viu o meu nome na Gazeta dos Tribunaes?

Mr. Steinberg tinha menos confiança com messer L'Ambert do que o marquez de Villemaurin; os titulos das suas propriedades, não estavam, como os d'este, archivados no cartorio da rua de Verneuil, havia quatro ou cinco gerações.

Conhecia apenas estes dois cavalheiros do Circulo e da partida de *whist*; e ainda, talvez, por causa d'uma ou outra corretagem que o tabellião lhe tinha mettido n'algibeira. Mas era bom rapaz e homem de tino; entrou, pois, em certa despesa de palavras; no intuito louvavel de consolar o desventurado, de o induzir a ir-se conformando.

O senhor marquez, a seu ver, pintava mais feias as coisas; e ainda restavam recursos. Afirmar que messer L'Ambert ficaria desfigurado para o resto de seus dias, era desesperar da sciencia, antes de tempo.

— Se o minimo accidente fosse, como outr'ora, desastre irremediavel, do que valeria, então, termos nascido em pleno século desanove? Que vantagens levariamos, em tal caso, aos homens da idade do ouro? Não estejamos a blasphemar contra o nome santo do progresso! A cirurgia-operatoria está, graças a Deus, florescente, qual nunca esteve, na Patria de Ambrosio Paré. Aquelle santo homem lá de Parthenay indigitou-nos alguns professores que concertam, triumphantes, o corpo humano. Estamos ás portas de Paris, manda-se indagar ahí á primeira botica, onde é que moram Velpeau ou d'Huguier; o seu lacaio vae, n'um pulo, a casa de qualquer d'esses dois vultos, e traz-lh'o a casa. Estou bem certo de ter ouvido contar que os cirurgiões fazem novo beijos, palpebras, extremidades a orelhas; será mais difficil de restaurar a ponta de qualquer nariz?

A esperança era assaz vaga; tanto bastou, porém, para infundir alento ao pobre tabellião, que não sangrava já, havia meia hora. Lançara-o em estado de quasi delirio a ideia de tornar a ser o que era d'antes e de voltar outra vez a tractar da sua vida.

Tão certo é que ninguém aprecia a ventura de estar completo, senão quando a vêm a perder.

Ah! caros amigos! exclamava contorcendo as mãos postas; tudo quanto tenho é pouco para o homem a quem fôr devedor da minha cura! Sejam quaes forem os tormentos por que tenha de passar, sujeitar-me-hei a elles de bom grado, com tanto que me respondam pelo bom exito; nem olharei a dores nem a despesas!

Foi neste sentir que elle voltou á rua de Verneuil, enquanto o lacaio andava á cata da morada de tão reputados cirurgiões. O marquez e Mr. de Steinberg ampararam-n'o até ao quarto e d'elle se despediram, o primeiro para tirar de cuidados a mulher e as filhas, que não tornára a ver desde a vespera, o outro para ir, apressado, até á Bolsa.

A sós consigo, em frente d'um espelho grande de Veneza que repercutia, implacavel, a sua nova imagem, Alfredo L'Ambert cahiu em profundo abatimento. Homem de rija tempera, que no theatro não chorava, por que isso era povinho gen tleman de bronzeara frente que enterrára pae e mãe com a mais serena impassibilidade, poz-se a chorar ao contemplar a mutilação da sua esbelta pessoa e banhou-a, por assim dizer, em pranto egoista. Veiu distrahir-o de tão amarga dor o seu lacaio, promettendo-lhe a visita de Mr. Bernier, cirurgião do Hotel Dieu, membro da Sociedade de cirurgia e da Academia de medicina, professor de clinica etc., tal. O criado correu áquelle que lhe ficava mais á mão, na rua do Bace, não acertou nada mal: Mr. Bernier, se é que não emparêlha com Velpeaus, Manécs, e Huguiers, occupa, sem duvida alguma, logo abaixo d'estas summidades, lugar honrosissimo.

— Que venha! exclamou messer L'Ambert. Porque é que ainda cá não está? — Tem-me na conta de homem a quem façam estar á espera?

E entrou a chorar com mais força.

Chorar deante dos criados! É crível que uma simples cutilada a tal ponto modifique os costumes a um homem? A arma do bom do Ayvaz, retalhando o canal nasal, certamente que deu abalo á bolsa lacrymal, e ainda aos proprios tuberculos.

Enxugou o tabellião os olhos, afim de folhear um pesado volume, em 12, que com muita pressa, e de mandado de Mr. Steinberg, vieram entregar-lhe. Era a *Cirurgia operatoria de Ringuet*, excellente manual, adornado de umas trezentas gravuras. Mr. Steinberg, ao ir para a Bolsa, comprara-o no caminho, e remetia-o ao seu cliente, sem duvida para o tranquilisar. O effeito, porém, da leitura foi contrario ao que se esperava. O tabellião, ainda bem não folheára coisa de duzentas paginas, e vira desfilar a seus olhos, atonito, a serie interminavel de ligaduras, amputações, ressecções e cauterisações, deixou cahir o livro, atirou consigo para uma poltrona e fechou os olhos. Fechára os olhos sim! mas tudo era ver pelle retalhada, musculos que a errina arregaca, membros dissecados a golpes fundos do scalpelo, ossos serrados pelas mãos de operadores invisiveis. Apareciam-lhe rostos de pacientes, tal qual vem figurados nos mapps anatomicos, estoicos, serenos, indifferentes perante a dor, e a si proprio perguntava se podéra jámais penetrar em alma humana tamanha dose de animo. A imagem que mais repetida via, era a do cirurgiãozinho do capitulo antecedente, todo vestido de preto, com casaca de gola de veludo. Ente fantastico, com sua cabeça redonda, algo avantajada, desguarnecida a frente: — séria a expressão do rosto attento, está serrando os ossos ambos a uma perna viva.

— Monstro! exclama messer L'Ambert!

No mesmo instante, via entrar o monstro em carne e osso, e o creado annunciou Mr. Bernier.

O notario quiz fugir e veiu recuando para o canto mais escuro do aposento. Escancarava os olhos espantados e estendia as mãos para a frente, como quem tenta afastar um inimigo. Batia o queixo com voz abafada, murmurava, tal qual como nos romances de Mr. Xavier de Montépin: — Elle! elle! elle!

— Meu senhor, disse o doutor, sinto tel-o feito esperar e rogo-lhe que se tranquilise. Estou informado do accidente que lhe succedeu, e não creio que seja mal sem remedio. Porém, se está com medo de mim, então não temos nada feito.

Mêdo é palavra de som nada agradavel a ouvidos francezes. Messer L'Ambert bateu o pé, indireito para o doutor e, com risinho nervoso de mais para que fosse natural, disse:

Co'a breca! doutor, gabo-lhe a lembrança! — Acha-me então com ares de homem que tem mêdo? Se acaso eu fôra poltrão, ter-me-hia feito descompletar esta manhã, em tão desusada maneira?

Emquanto estava á sua espera, puz-me a folhear um livro de cirurgia. Neste instante, deparou-se uma cara muito parecida com a sua, e o senhor appareceu-me um tanto á laia de aventesma. Acrescentemos a esta surpresa a commoção que soffri esta manhã, e talvez que uma tal ou qual agitação febril — e espero que desculpará, portanto, o modo exquisito com que por mim foi recebido.

— Antes assim! retorquiu Mr. Bernier, e apanhou o livro. Ah! estava a lêr o Ringuet? Sômos amigos! E agora me lembro, que me mandou gravar em vida, por um apontamento da minha pessoa, esboçado pelo Léveillé. Mas, por quem é, queira sentar-se.

Soceguo um pouco o tabellião e entrou a contar o caso do dia, sem que lhe esquecesse o episodio do gato, o qual, para que digamos, fizera com que elle pela segunda vez, ficasse sem o nariz.

— Foi um desastre, foi, disse o cirurgião; mas dentro d'um mez poderá estar remediado. Visto que possui o livreco do Ringuet, é provavel que tenha algumas luzes com respeito á cirurgia?

Messer L'Ambert confessou que não levára tão longe as suas investigações.

— Ora pois, retorquiu Mr. Bernier, vou resumir-lh'o em quatro palavras. A rhinoplastia é a arte de restabelecer narizes áquelles imprudentes que os perderam.

— Que me diz, doutor?!... pois é verdade?!... é possivel semelhante milagre?... A cirurgia descobriu methodo para...?

— Nada menos de tres! Ponho porém, de parte, o methodo francez, que não tem applicação no presente caso. Se por ventura a perda de substancia fôra menos consideravel, poderia eu despegar as bordas da ferida, avival-as, pôl-as em contacto, e reunil-as por prévia intenção. Mas nem pensemos em tal!

— E estimo bem, creia, accudiu o ferido. Não imagina, doutor, até que ponto esses termos todos... ferida despegada, avivada... me contendem com os nervos... Optemos por meios mais brandos, faça favor!

— E' raro procederem os cirurgiões por meios suaves. Mas, afinal, o senhor, entre o methodo indiano, e o italiano, pôde escolher. Consiste o primeiro em recortarmos na pelle da sua testa um triangulo, com a ponta para baixo, e a base para cima. Temos o estofo para o nariz novo. Despegamos, depois, em toda a extensão este retalho, salvo todavia o pediculo inferior que deve ficar adherindo. Retorcêmol-o depois, revolvendo-o sobre si, de modo que a epiderme fique virada para fóra, e cosemol-o pelas bordas aos extremos da ferida que lhe correspondem. Por outros termos, posso fazer-lhe outro nariz assaz apresentavel, á custa da sua testa. E' quasi certo o bom exito da operação: a testa é que hade conservar sempre ligeira cicatriz.

— Cicatriz é que eu não quero! Não quero por preço algum! Acrescentarei até (desculpe-me esta fraqueza) que não quizera a tal operação. Já hoje soffri uma, ás mãos d'esse turco maldicto; e não desejo que me façam outra: Quando me lembro do que senti, até se me gela o sangue. E olhe que em questão de animo não me troco por ninguém; mas tenho nervos. Não me mette mêdo a morte; tenho horror ao soffrimento. Matteme se quizer! mas em nome de Deus! não me retalhe mais!

— Então, accudiu o doutor, um tanto ironico, se nutre contra as operações preconceito por tal forma arreigado, em vez de um cirurgião, porque não mandou chamar qualquer homeopatha?

— Não esteja a caçar commigo. Com o sentido n'essa operação indiana, não poude ser senhor de mim. Os indios são uns selvagens, e professam cirurgia á propria altura. O senhor não falou no methodo italiano? Não me quadram italianos... em politica. É um povo de ingratos, que procedeu do mais negro modo para com os seus legitimos senhores; em materias scientificas, porém, não faço lá muito má idéa d'esses tractantes!

— Está dito! Opte pois pelo methodo italiano. A's vezes surte o effeito; mas previno-o que exige paciencia e immobildade taes, que o senhor, a meu ver, não será talvez capaz de as sustentar.

— Se o resultado depende só de immobildade e paciencia, respondo por mim, creia.

— O senhor será homem para conservar trinta dias a fio a mesma posição, aliás extremamente incommoda?

— Sou.

— Com o nariz cosido ao braço direito...?

— Sou, repito.

— Muito bem, recorto-lhe na pelle do braço um retalho triangular por ahí de quinze ou dezesseis centimetros de comprido, por dez ou onze de largura, depois...

— Diz que me quer cortar?... a mim?

— Pois decerto.

— Mas isso é horrivel, doutor! Esfolado em vida! cortar fatias do corpo a um homem vivo! — Isso é barbaro! proprio da idade-media! digno de Shylock — d'esse judeu de Veneza!

— A ferida no braço não tem importancia. A difficuldade consiste em ficar cosido a si proprio, obra para ahí d'uns trinta dias.

— Pois eu, o que temo em absoluto são golpes de scalpelo. Quem já sentiu o ferro frio a penetrar-lhe as carnes, em vida, fica escaldado para todo o sempre, meu doutor; uma vez é bastante!

— Em tal caso, meu caro senhor, não tenho aqui que fazer, e resigno-se a passar sem nariz o que lhe resta da existencia.

(Continúa)

Pin Sél.

NECROLOGIA

DR. GASPAR GOMES

Os que viveram por 1856 a 1858, no tempo que a febre amarella e o cholera assolaram Lisboa, lembrar-se-hão de certo do dr. Gaspar Gomes pelos serviços que elle, por essa occasião prestou ao povo d'esta capital; aos que não são d'esse tempo convem que saibam de que existiu este benemerito cujos serviços se não devem esquecer, tanto mais hoje que só se trata de honrar a sua memoria, a memoria de um cidadão util que sempre se esquivou ao reclame e praticou o bem pelo amor do bem, porque era bom, porque a bondade foi a sua divisa, no meio dos interesses



DR. GASPAR GOMES

FALLECIDO EM 27 DE NOVEMBRO DE 1896

e das ambições que se degladiam, nos tempos que vão correndo, o que mais faz brilhar a virtude dos que se dedicam á boa causa da humanidade.

As ambições, e os interesses das coisas materiaes não se compadeceem com os sacerdocios, e por isso todo aquelle que segue um sacerdocio sem se desprender dos interesses mercenarios, falta á missão que se impoz, mente á sociedade em que vive.

Não se deu este caso com o illustre morto a quem hoje prestamos aqui a nossa derradeira homenagem, e por isso mesmo a prestamos tanto mais sincera e significativa, porque a sua missão foi completa.

Ao illustre homem da sciencia juntáram-se as qualidades do coração, e por ellas se distinguio tanto, como pelos dotes da intelligencia, pelo saber, e o illustre medico brilhou no meio da aureola de bondade que lhes illuminou a vida e que ainda depois de morto circumda a sua memoria, com a fama que deixou do seu saber e das suas virtudes.

Nasceu o dr. Gaspar Gomes em Bellas a 21 de março de 1824 pelo que contava 72 annos incompletos quando falleceu.

Estudou na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, onde defendeu these em 1846 e onde foi um estudante distincto. Não satisfeito, porém, com este curso, foi para a universidade da Belgica e ali se doutorou em medicina, em 1855.

Regressando a Lisboa foi ao concurso da cadeira de zootechnia do Instituto Agricola, que alcançou, occupando ultimamente a cadeira de materia medica.

A clinica exerceu-a largamente em Lisboa e pôde-se dizer que por cada cliente contava um amigo, pellos cuidados com que tratava todos, pobres ou ricos, distinguindo-se entre os seus collegas que mais serviços prestaram por occasião das duas terriveis epidemias que assolaram Lisboa, em 1856 e 1858.

Acima de todas as distincções officiaes, muito mais do que ellas o galardoaram a consideração e estima que lhes dedicaram os seus conterraneos, e que mais calavam no coração generoso e bom do benemerito clinico.

O dr. Gaspar Gomes era socio benemerito da Sociedade das Sciencias Medicas, da Academia e de muitas outras sociedades scientificas nacionaes e estrangeiras.

A sua phisiomia sympathica, attrahente, não desmentia as suas qualidades moraes, eis porque retirado da vida activa, pela doença, que de ha muito o havia prostrado, teve na morte as mais significativas provas de quanto era estimado.

Nos ultimos annos ainda exerceu a clinica no hospital Estephania, dedicando-se especialmente ao tratamento das creanças.

Finou se no dia 27 de novembro do anno que findou e, apesar de ter determinado que o seu funeral fosse modesto e de que não se fizessem convites para elle, foi comtudo dos mais concorridos que se tem realisado em Lisboa.



Recebemos e agradecemos :

Gazeta dos caminhos de ferro de Portugal e Hespanha. Proprietario-director . L. de Mendonça e Costa. Lisboa.

Os dois ultimos numeros que temos presentes d'esta conceituada revista, são os n.ºs 273 e 274, relativos a 1 e 16 do mez passado.

Estes numeros contem, afóra muitos outros artigos de valor e de interesse na especialidade : *A linha urbana do Porto, Lanço dos caminhos de ferro do Minho e Douro, comprehendido entre a estação do Porto, em Campanhã, e a estação central, proximo da praça de D. Pedro, De como foi iniciada a campanha da sua construção, por A. Luciano, illustrada, com a fachada da estação, e a Nova ponte do Jamor por C. Xavier Cordeiro, estudo de grande oportunidade e merecimento.*

La Naturalza, revista decenal illustrada. Madrid. 1896 Director : D. R. Becerro de Bengoa.

Fomos visitados por esta antiga revista hespanhola, que já conta vii tomos, e que trata de sciencias e industrias, contendo variados artigos da especialidade. A sympathica e util publicação madrilena pode collocar-se a par das suas congêneres francezas e inglezas, as quaes evidentemente tomou para modelo. E' illustrada com profusão, inserindo gravuras descriptivas dos assumptos technicos de que falla. No presente numero encontramos o seguinte summario que dá boa ideia do valor da referida revista :

*Progresos scientificos, Meteorologia, por Ricardo Becerro de Bengoa. — La máquina algebráica de D. Leonardo Torres (illustrado), por ***. — Industrias derivadas (illustrado). — La fotografia de lo invisible (illustrado), por Ch. de Villedeuil. — Algo de Cuba (illustrado), por Francisco Vidal y Careta. — Torpedos automóviles, por Eduardo Mier. — Notas varias: Los hombros que vuelvo. — Nueva aplicación del vidrio. — Superstición. — El mayor trasatlántico — Alcance de las luces. — El magnetismo y la temperatura. — Noticias Alumbrado elétrico. — A los capitalistas.*

Revista critica de Historia y Literatura españolas, portuguesas y hispano-americanas. Año I. Números 5 a 10.

Com a maior regularidade, temos recebido esta importante revista, cuja collaboração deversas selecta se manifesta em magnificos artigos, já eruditos, já deleitosos, porque todos tratam de assumptos sympathicos.

A parte relativa á litteratura portugueza é dirigida de modo a merecer todos os elogios, estampando varios trabalhos de escriptores portuguezes, acerca de questões interessantes.

Por outro lado, a critica feita a alguns livros portuguezes de recente data é lisongeira e demonstra subido apreço pela nossa litteratura. E', pois, a *Revista Critica*, uma publicação digna de toda a acceitação e mómente pelo interesse que toma pelas cousas portuguezas.

Na secção bibliographica temos visto mencionado o *OCCIDENTE* com toda a regularidade e feita a synopse dos artigos que encerram os numeros do nosso periodico.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa XV. serie. N.º 3, 4.

Acompanha estes dois numeros do apreciado boletim, outro folheto contendo as *Actas das sessões* da conceituada sociedade, e que pertence ao volume XV, relativo ao anno de 1895.

No n.º 3 vem publicada uma interessante communicação acerca da Guyana britannica (Demerara excellantemente escripta pelo digno consul de 1.ª classe, sr. Adelino Antonio das Neves e Mello. Neste trabalho, o illustre relator mostra bastante estudo e notavel criterio.

No n.º 4, veem insertos alguns estudos de Luciano Cordeiro, alguns já conhecidos n'outras publicações, como exemplo a *Arte Portuguesa* e o nosso periodico. Devemos especialisar esses estudos, que são os seguintes : *Restos mortaes de Vasco da Gama*, informação e parecer do delegado da Sociedade de Geographia de Lisboa, junto da commissão testamentaria Luz Soriano ; *A urna funeraria de Affonso de Albuquerque*, relatório da Sociedade de Geographia de Lisboa acerca de alguns objectos vindos da India para o seu museu ; e *Inscrições Portuguezas*.

O novo processo das «tres côres» Typ. da Comp.ª Nacional Editora. 1896.

Do importante estabelecimento typographico d'esta cidade, a typographia da Companhia Nacional Editora, recebemos a gentil offerta d'um exemplar d'um lindo e valioso chromo, primeiro trabalho executado em Portugal, segundo o processo chamado das *tres côres*, inventado e aperfeçoado ha pouco nos Estados Unidos e o qual consiste em suprimir um chromo de tons variados em tres unicas tiragens.

Segundo as indicações que acompanham o chromo vê-se bem a importancia do novo trabalho : «A produção das tres chapas em zinco, que serviram para a impressão, foi executada photographicamente, não entrando na separação das côres nenhum trabalho de desenhador. É isto principalmente que torna notavel, e quasi extraordinario, o novo processo.

«São bem conhecidas as tentativas até agora feitas para obter a photographia das côres, mas todas sem nenhum resultado verdadeiramente pratico. O novo processo, se não resolve este problema photographico, abre um campo vastissimo á typographia, proporcionando-lhe a maneira de conseguir, com tres unicas tiragens effeitos superiores aos que a lithographia obtinha até agora, fazendo doze e mais impressões. Além d'isso, sendo completamente excluido o trabalho do desenhador lithographico como dissemos, a reprodução de qualquer desenho assim feita, é da mais absoluta fidelidade.»

De aqui se vê, pois, que muito ha a esperar do novo processo, e pela execução aprimorada do gracioso chromo que temos presente, felicitamos a secção typographica da Comp.ª Nacional Editora, que teve a requintada delicadeza de honrar a imprensa portugueza dedicando-lhe este seu primeiro trabalho, cortezia que nós pela nossa parte, muito agradecemos.

Revista Critica de Historia y Literatura españolas, portuguesas e hispano-americanas. N.ºs 11 e 12. A conceituada revista madrilena continúa grangeando incondicionaes applausos pela maneira selecta como dirige a sua collaboração.

Entre os varios artigos d'este ultimo numero, apparece nos a replica de Theophilo Braga a um trabalho precedente, em que se tratava do supposto enigma achado por diversos biographos na vida de Bucage; erro em que se laborava, mercê da indicação falsa dos editores da segunda edição das cartas de Beckford e da comparação com o texto dos livros de assentamento das naus da India, de que resultava o notavel poeta encontrar-se no mesmo anno em Gôa e em Lisboa. Com o presente artigo fica tudo bem deslindado, e nós ao noticiarmos a appareição d'este numero da importante revista hespanhola, com o qual encerra o seu primeiro anno, não podemos deixar de notar que dá pena vêr talentos e capacidades de tão alto valor, entregarem-se a esquadrinhar pequeninas questões que em muito pouco importam e em nada affectam a celebrada memoria do inimitavel Bucage.

E' justo confessar, todavia, que o artigo de Theophilo Braga lança intensa luz na questão, resolvendo-a por completo.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'Africa, combates, etc.

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis

Com uma linda capa de peralme, 500 réis

Segunda edição

PEDIDOS Á EMPREZA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39